

## GOETHE E O MUNDO LUSITANO

Dr. Hüsgen

No ano de 1832 morreu Johann Wolfgang von Goethe, aquele que foi, indiscutivelmente, o maior escritor alemão de todos os tempos e que ocupa na literatura alemã um lugar paralelo ao de Luís de Camões, na literatura portuguesa.

Para um alemão, que se dedica ao estudo da literatura do seu próprio país e que, simultaneamente, se sente apaixonado pela literatura portuguesa, o problema de uma possível ligação entre Goethe e o mundo literário lusitano coloca-se como um desafio à investigação de que o elo que se intuiu possa ser cabalmente comprovado.

Por outras palavras, essa ligação que serve de tema a este estudo será uma ligação real, verdadeira, entre Portugal e o pensamento do grande escritor, ou tratar-se-á apenas de um problema artificial, sem bases profundas que justifiquem a sua proposição? Existirá um verdadeiro interesse da cultura portuguesa pela obra de Goethe e também um interesse de Goethe pelo mundo português? Este trabalho tem como finalidade dar uma resposta a esta dupla pergunta.

O capítulo mais conhecido e mais famoso em que Goethe faz referência a um acontecimento de âmbito português encontra-se nas suas memórias, na sua autobiografia "Dichtung und Wahrheit" — "Ficção e Verdade"(1).

Goethe escreveu esta autobiografia no ano de 1811, e é aí que se refere ao terramoto de Lisboa cujas trágicas consequências exerceram sobre o seu espírito uma profunda impressão.

Citamos este trecho de Goethe na versão portuguesa de Albin Beau (2): "Um acontecimento extraordinário de repercussão mundial veio perturbar, pela primeira vez, a tranquilidade mental do rapaz" (que eu era).

"No dia 1 de Novembro de 1755 deu-se o terramoto de Lisboa que espalhou um horror tremendo pelo mundo já habituado à paz e ao sossego. Uma capital grande e magnífica, ao mesmo tempo porto e cidade comercial, é surpreendida pela mais terrível desgraça. A terra treme abalada, o mar ergue-se, encapelado e bravo, os navios batem uns contra os outros, desmoronam-se as casas, e ficam enterradas por igrejas e torres; parte dos paços reais é engolida pelo mar, a terra estourada parece vomitar chamas; por toda a parte o fumo e o fogo surgem nas ruínas. Sessenta mil pessoas, sossegadas e contentes ainda um momento antes, perecem juntamente, e é de considerar o mais ditoso de entre elas aquele que já não é levado a sentir a desgraça, ou a reflectir sobre ela".

E Goethe, na versão de Beau, prolonga a sua visão do sismo:

"As chamas continuam a lavrar furiosas e à fúria delas vem associar-se a de um bando de criminosos, aliás escondidos ou restituídos à liberdade pelo cataclismo. Os desgraçados sobreviventes ficam expostos aos roubos, aos assassinios e a todas as violências; e assim a Natureza afirma, a todos os respeitos, a sua tirania ilimitada.

No regresso da viagem este escritor, linguista e diplomata e amigo de Goethe trouxe-lhe um livrinho português que despertou o interesse do Poeta, muito ocupado nessa data com as suas investigações cromáticas.

Tratava-se da "Memória sobre a formação das cores", da autoria de Diogo de Carvalho e Sampayo.

Humboldt enviou o livro a Goethe por intermédio do diplomata Friedrich Gentz, e fê-lo acompanhar de uma carta escrita em Paris, com a data de 11 de Novembro de 1801, onde se lia:

"Dou a Gentz um livrinho português sobre as cores. Contém uma teoria que me parece assemelhar-se muito com a Vossa, e é seu autor o antigo Ministro de Portugal em Madrid, que mo ofereceu ali" (10).

O livro estava escrito em português, mas Humboldt afirmava:

"não tenho dúvidas de que Você sabe suficientemente português para compreender esta coisa pequena e de a traduzir, desde que a ache interessante" (11).

Goethe declarou-se muito agradecido pela oferta do livro dum autor que já tinha escrito vários tratados sobre o problema das cores e que representara o seu país, de 1787 a 1796, junto da corte de Madrid. Diogo Carvalho e Sampayo faleceu em 1807.

Goethe, embora não concordasse com as teorias do referido investigador português, reconheceu o valor do trabalho e afirmou que lhe "não custa quase nada" entender a publicação portuguesa que lhe tinha sido oferecida.

Há uma prova interessante do valor que esse trabalho representou para Goethe.

No número 9 do caderno 13 da Coleção Cromática, de Goethe, encontra-se um manuscrito da "Memória" com o título de "Bemerkungen über die natürliche Bildung der Farben von Diogo de Carvalho e Sampayo".

Goethe utilizou a obra do português para o capítulo dedicado à descrição das experiências e à exposição da teoria do erudito português nos "Materialien zur Farbenlehre" (Elementos para a história da teoria das cores).

Apresentando a biografia do autor lusitano, Cavaleiro da Ordem de Malta, criticando o seu método e os resultados obtidos, Goethe disse:

"As suas tentativas são sinceras, a sua atenção é precisa e contínua" (12).

Mas quem teria elaborado a tradução? Teria sido o próprio Goethe? Beau, depois de ter apresentado várias provas chega à conclusão de que o tradutor fora mesmo Goethe (13).

Nos diários, nas cartas, nas conversas de Goethe ressalta o interesse que teve pelos acontecimentos políticos, pela actuação da diplomacia portuguesa durante o Congresso de Viena, pela revolução de 1820, pelo governo de D. Miguel, pelas aspirações brasileiras à independência.

Naquela época, Weimar foi um dos centros de estudos portugueses, além de Hamburgo e de Gotinga.

Um elo de ligação foi Johann Gottfried Herder, antigo amigo de Goethe, que tinha convivido com o Conde de Lippe, quando ele (Herder) estivera ao serviço do reorganizador do exército português, como pregador da corte de Bückeburg entre 1771 e 1776 (14).

Um outro alemão muito ligado a Portugal e bem conhecido de Goethe foi o Barão von Esch Wege, que estivera, desde 1803 até 1810, ao serviço do governo português na administração geral e exploração de minas e que acompanhou a corte, quando esta se retirou para o Brasil, ao tempo da Primeira Invasão Francesa (15).

Depois regressou à Europa, a Lisboa, e conheceu Goethe pessoalmente em 1822 por ocasião de uma viagem à sua pátria natal (16).

O barão, ao serviço de D. Fernando, foi incumbido pelo marido da Rainha D. Maria II da construção do Palácio da Pena, na serra de Sintra.

Já foi mencionado o intenso desejo manifestado por Goethe de coleccionar informações concretas e empíricas acerca das partes do mundo com as quais ele não tinha podido contactar pessoalmente. Descrições, relatos de viagens, memórias e biografias, tudo era aproveitado para lhe proporcionar os conhecimentos que desejava obter.

Relativamente a Portugal leu atentamente o livro do botânico Henrich Friedrich Link "Bemerkungen auf meiner Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal" Kiel 1801 — 1804 (Observações feitas numa viagem através da França, da Espanha e, sobretudo de Portugal) que chegou a recomendar a Schiller, em 25 de Março de 1801, (17) por achar a obra interessante e instrutiva.

O interesse de Goethe por este país de Sudoeste europeu revela-se ainda numa carta dirigida a Schiller:

"Depois da viagem de Link, há ainda mais coisas sobre Portugal" (18). E mencionou no Diário a leitura do livro de Jacques Murphy: "Voyage en Portugal dans les années 1789 et 1790" e do satírico "Tableau de Lisbonne en 1769 suivi de lettres écrites de Portugal sur l'état ancien et actuel de ce royaume, de J.B.F. Carrère" (19).

Das figuras históricas portuguesas mencionou Vasco da Gama e o Marquês de Pombal.

É indiscutível que a literatura portuguesa teve um relevante interesse para Goethe. Impressionaram-no especialmente as aventurosas e pitorescas peregrinações de Fernão Mendes Pinto por terras do Oriente. Leu a "Peregrinação" numa versão alemã publicada em Amsterdão, em 1671. Levou este livro, que tanto interesse lhe tinha despertado, ao seu amigo Knebel, para ser lido em voz alta em casa dele. Na sua própria moradia mandou ler assim a "Peregrinação" e, enquanto ouvia, ia elaborando esboços e desenhos alusivos.

Voltou a ler o livro em 1813, numa época em que estava especialmente empenhado em estudos sobre o Oriente, relacionados com a preparação das notas para a preciosa colectânea "West-Östlicher Divan" (Divã Ocidental-Oriental, na tradução portuguesa), onde surgem referências à acção dos Portugueses no Extremo Oriente.

O interesse de Goethe pelo infante português D. Fernando foi despertado pela leitura de uma importante obra de Calderon "O Príncipe Constante".

Esse interesse levou-o a ocupar-se com a história do Infante Português e adquiriu para a sua biblioteca particular a biografia alemã, da autoria de Ignaz W.M. Olfers, baseada na crónica de João Alvarez e noutros elementos dispersos: "Fernando von Portugal, das Leben des standhaften Prinzen".

Mas, provavelmente, o contacto maior de Goethe com a cultura portuguesa verifica-se naturalmente com a sua leitura de "Os Lusíadas". Conheceu as traduções de um trecho da epopeia, por Wieland, e do Canto Primeiro, por Sechendorff. Entre 1819 e 1820 ocupa-se com a obra de Camões, na edição monumental realizada pelo Morgado de Mateus, D. José Maria de Sousa Botelho, oferecido por este à biblioteca de Yena e que também existe na biblioteca de Weimar.

Na mesma época, motivado pelos seus estudos orientalísticos, e para facilitar a leitura de "Os Lusíadas" Goethe requisitou as traduções alemãs de Kuhn e Winkler — "Die Lusiade" — (1807) — e uma tradução francesa de Dupéron de Castera — "La Lusiade, poème héroïque sur la découverte des Indes Orientales" (1735) — .

Beau, (20) acerca da leitura de "Os Lusíadas" por Goethe, observa:

"O facto da requisição simultânea, em 1819, da edição portuguesa como das traduções integrais é indício da sua leitura, e esta deve ter sido assaz sugestiva, a avaliar pelas referências que Goethe a ela faz. Há um porme-

nor a esse respeito significativo: para o ante-rostro do seu exemplar da Vida do Príncipe Constante, transcreveu pelo próprio punho o verso da epopeia:

"A vida de senhora feita escrava" (21).

Foi uma francesa Madame de Staël, essa que estabelece um ponto de contacto entre o "Werther" de Goethe e as famosas "Cartas Portuguesas" de Soror Mariana Alcoforado. A escritora francesa encontra um idêntico e inconfundível rigor afectivo.

"Quanto à afinidade entre as "Lettres Portugaises" e o "Werther" que Madame de Staël descobriu, há ainda outro indício significativo:

"Goethe mandou encadernar, num único volume, para a sua livraria, a obra de Soror Mariana e a tradução francesa do seu próprio romance" (22).

É evidente que não se deve exagerar a influência que a literatura portuguesa e a importância do mundo português tiveram para Goethe, mas é inegável que elas não deixaram de ser significativas, como elementos formativos da cultura do poeta e como indícios concretos do universalismo vivo e progressivo do seu génio.

Convém, por outro lado, considerar o que Goethe, a sua obra e a sua figura histórica significaram para o mundo português.

Entre as figuras importantes da vida cultural portuguesa que conheceram Goethe pessoalmente encontra-se o comendador António Araújo de Azevedo, Ministro de Portugal em Paris, durante a Revolução Francesa. Goethe recebeu-o e conversou com ele, após a recomendação de um amigo comum feito nestes termos:

"Encontra-se aqui um antigo Enviado de Portugal que negociou a paz com a França, revogada pelos Franceses, que encerraram o diplomata na Torre do Templo. Desde que está em liberdade, anda a viajar".

Sabe-se qual a impressão que o diplomata português despertou em Goethe, já que o poeta a ele fez referência numa carta:

"O comendador português agradou-me muito...Ele é muito instruído e culto".

Este importante diplomata, cientista e literato queria corrigir a má impressão que da vida cultural portuguesa poderia ter ficado da leitura dos comentários do botânico Heinrich Link no seu livro: "Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal" Quería corrigir essa imagem com o estabelecimento de relações intelectuais entre Portugal e outros países europeus.

Entre os seus protegidos contam-se Filinto Elísio, tradutor de Wieland, e a Marquesa de Alorna, a primeira tradutora da poesia goethiana, do alemão para o português.

Graças ao seu casamento com um aristocrata alemão, naturalizado português, o conde de Oeynhausen, que ela acompanhou a Viena, onde o marido exerceu as funções de Ministro de Portugal, a Marquesa de Alorna estava mais familiarizada com a poesia alemã do que os outros escritores portugueses, seus contemporâneos. Mas as traduções de Leonor de Almeida da Marquesa de Alorna da poesia de Goethe não chegaram a ter uma importância relevante.

Ela era amiga da Madame de Staël, autora do famoso livro "De l'Allemagne", que celebrava Goethe como o supremo representante da literatura alemã, e este livro contribuiu, por sua vez, para intensificar o interesse dos intelectuais portugueses pelas letras alemãs e por Goethe.

"É significativo as obras de Goethe chegarem a ser conhecidas em Portugal graças à medição francesa, por traduções e comentários e bem assim pela influência que Goethe exerceu na literatura francesa" (23).

Entre os literatas portugueses foram especialmente Alexandre Herculano e Almeida Garrett que descobriram a obra de Goethe.

Os dois viram em Goethe o grande precursor da poesia romântica, mas também, como Madame Staël, aquele poeta que soube elevar-se acima dessa mesma poesia romântica. O que os dois escreveram contra um romantismo anémico, como o representou Byron, mostra uma grande familiaridade com as grandes figuras da obra de Goethe.

Almeida Garrett pronunciou-se sobre as suas relações com Goethe no prefácio ao seu "Catão":

"Os fundamentos das minhas opiniões ver-se-á que eram as mesmas há dezoito anos, desenvolveram-se, rectificaram-se, mas não mudaram. Mal e como de criança, aí vem, já pressentida, a ideia de Goethe, na última parte do Fausto, sobre a confinação do clássico com o romântico que deve produzir e fixar a poesia moderna. Foi o ultimato, a derradeira sentença do oráculo da nossa idade: a união da arte antiga com a arte moderna, da palavra com o espiritualismo, — do belo das formas com o belo ideal, da Helena homérica com Fausto dântico, de cujo consórcio tem de nascer o belo Eufórion, o génio, o princípio da arte regenerada" (24).

Mas há muito mais alusões importantes e informativas na obra de Garrett à poesia de Goethe.

Na sua autobiografia, conta que aproveitou a sua estadia como encarregado de negócios em Bruxelas para o estudo da língua e da literatura alemã. Conseguiu ler Herder, Schiller e "as mais difíceis composições de Goethe. E o gosto que tomou, principalmente por este último escritor, influiu de tal maneira nas suas opiniões literárias no seu estilo, em tudo o que se pode chamar o género e o modo de escrever de um autor" (25).

O comentário de Albin Beau "Pode ser que exagere ao enaltecer as qualidades literárias que se atribui e que pretende ter adquirido graças à penetração nas obras de Goethe... mas não se pode negar que Garrett sofreu a acção discreta e viva da magia dos versos de Goethe" (26).

A prova mais significativa da estreita ligação existente entre Garrett e Goethe são as "Viagens na Minha Terra". No capítulo 28, Garrett faz uma tentativa de traduzir a "Dedicatória, do Fausto", que começa com os conhecidos versos:

"Ihr naht Euch wieder schwankende Gestalten".

Apesar de ter desistido da tradução é interessante que Garrett recorte estes versos de Goethe, precisamente para dar adequada expressão poética à melancolia e à saudade que dele próprio se apodera.

Depois à melancolia e à saudade que dele próprio se apodera.

Depois, na capital do Ribatejo, começa a pensar na figura lendária de Frei Gil de Santarém "com o seu ardente e ansiado desejo de saber, os seus vastos estudos, os recônditos mistérios da natureza que descobriu até penetrar no mundo do invisível ... ali o seu arrependimento, enfim, e a regeneração da sua alma pela penitência, pela oração e pelo desprezo da vã ciência humana" (27).

Chama-lhe o "Fausto Português", mas vê na concepção da figura do próprio Fausto uma criação especificamente goethiana.

Como Sófocles e Voltaire, contra Goethe entre aqueles poetas bem-aventurados que conseguiram dominar o sentimento pela imaginação.

No profundo interesse que investiram Herculano e Garrett na obra de Goethe estão subjacentes as condições para a posterior presença deste poeta nas letras portuguesas.

As traduções da obra de Goethe mostram a repercussão que ela encontrou em Portugal.

A primeira tradução publicada neste país foi a do "Werther". Baseada numa versão francesa, apareceu anónima em Lisboa como "História alemã

escrita pelo Doutor Goethe". Apareceu depois mais uma, sob o título de "Mágoas de Werther" por Gonçalves Viana e uma outra, no Porto, de Maria Henriques Osswald.

A repercussão deste romance não foi muito espectacular nem muito violenta em Portugal: não consta que tenha feito surgir uma vaga de suicídios e não inaugurou nenhuma corrente literária. O público letrado já conhecia pelas cartas de Soror Mariana o fervor e a tragédia da paixão amorosa, uma vez que a versão portuguesa das "Lettres Portugaises" publicada por Filinto Elísio tinha aparecido em 1819, dois anos antes da tradução do "Werther".

Goethe reconheceu a ligação temática entre os dois livros e foi já referido que ele mandou encadernar num único volume a versão francesa do "Werther" e as "Lettres Portugaises", confirmando com esse procedimento a tese de Madame de Staël acerca da semelhança dos dois livros.

Vale a pena mencionar a projecção do "Werther" no romance de Júlio Dinis, "A Morgadinha dos Canaviais". Nesse conhecido romance, Henrique de Souselas encontra Madalena, a Morgadinha, rodeada de crianças e fica cativado por essa figura feminina que o Autor descreve minuciosamente.

Madalena, nesse ambiente familiar, recorda a Henrique de Souselas "uma cena de um precioso livro que nunca me canso de ler!

Qual é?

— Werther...

— Ah! Conhece?

— Conheço, quero dizer, li-o por acaso há pouco tempo — respondeu Madalena", que confirma:

"Compara-me a Carlota?" E, afastando essa comparação, disse:

"É por estar a distribuir as rações destas crianças? Que mulher há que não seja Carlota nessa parte? Em todas as casas repassa uma cena assim. Bem se vê que não tem família" (28).

Numa outra cena Madalena explica a Henrique que é prima dele.

"Não me soa bem o impertinente tratamento de "excelência" que me dá... Há pouco não me comparou à Carlota de Goethe?

Deixe-me, pois adoptar uma lembrança dela. Está certo de que tratou o Werther por primo, a primeira vez que lhe falou? É um tratamento como outro qualquer; entre nós mais justificado" (29).

E ela explica-lhe as ligações familiares que justificam a abolição do "excelência".

Esta pequena cena implica uma certa familiaridade de Júlio Dinis com o referido romance de Goethe.

Foram as traduções que introduziram a obra de Goethe em Portugal e foram os poetas e os romancistas que favorecem o conhecimento dela e do Autor.

Foi bem recebida a obra do triunfo dos amores de "Hermano e Doroteia". Teve várias traduções para português, sendo a primeira de Lino Augusto de Macedo e Valle, de 1856, e a última de Maria Henriques Osswald, que apareceu no Porto, em 1938.

Entre os mensageiros de lírica goethiana é imperativo mencionar um poeta que ofereceu ao público português uma antologia de poesias de Goethe: Eugénio de Castro.

E cabe ao Paulo Quintela o mérito de ter apresentado um volume de "Poemas de Goethe", que abrange as poesias mais populares, conhecidas e importantes e apresenta uma imagem global do poeta (30).

O poema mais traduzido, é além da "Zueignung" (Dedicatória) do "Fausto", a balada "Der köning in Thule", da mesma tragédia, e de que se conhecem mais de trinta versões portuguesas.

A personagem mais popular da obra de Goethe é Fausto. E foi mais a própria tragédia de Margarida do que a tragédia do sábio que impressionou os portugueses.

Garrett, nas "Viagens na Minha Terra", opôs o Fausto, como a expressão da "fé no cepticismo" à da "fé em Deus", na "Divina Comédia", de Dante, e à da "fé na Pátria", de "Os Lusíadas", de Camões.

Herculano sublinhou a relação entre a tragédia de "Fausto" e a do, Manfred, de Byron. Eugénio de Castro inspirou-se no Fausto para a sua concepção de "Sagramor" e a "Psicose de Fausto" com data de 1901, de Teófilo Braga, carece da poesia, mas é mais um exemplo da presença desta figura goethiana.

Para Eça de Queirós, que escreveu um "Mefistófeles" (31) o Fausto de Goethe é, por antítese da sua interpretação da ópera de Gounod, um sábio "que penetrou a medicina, a física, a lógica, a dialética, a dogmática, a teologia, a metafísica", (recorda-se assim o primeiro monólogo de Fausto: "Habe nun, ach!) ele é um "homem que se enoja das vazias realidades da vida e da paixão, e que se recolhe num estoicismo trágico, tendo todavia, sempre, dentro do peito o coro soluçante e rebelde dos desejos infinitos e das ásperas curiosidades, até que, enfim, mais sereno e transfigurado, vai até ao fundo do mundo antigo buscar o corpo sublime de Helena, e tem dela, que é o ideal da forma antiga, um filho, Eufórion, que é o ideal do espírito moderno" (32).

Em Margarida, Eça vê "o símbolo da alma alemã, simples, casta sofredora, daquela alma alemã que, como na "Melancolia", de Albrecht Dürer, quando a matéria, a tirania, desesperança a oprimem, só sabe, resignadamente, dobrar as suas asas; aquela alma alemã que exala toda a sua imensa dor em frescas cantigas, religiosamente humanas, que tem todas as simplicidades, todas as inteligências, todos os deveres, que, quando olha para a terra é para amar, quando olha para si é para morrer" (33).

A tradução de Fausto foi relativamente tardia e, mesmo assim, a primeira que apareceu, em 1867, de Agostinho d'Ornelas, abrange só a primeira parte. No prefácio, Ornelas conta como ficou impressionado com uma representação da tragédia, em 1860, em Berlim, onde trabalhava com Adido da Delegação de Portugal.

Sai do teatro profundamente comovido e ansioso por conhecer a obra em todo o seu esplendor, em toda a sua plenitude.

Estudou melhor o alemão e acabou por traduzir a obra inteira.

A segunda parte apareceu em 1873.

Beau classifica a tradução levada a cabo por Ornelas como "extraordinária" (34).

Apesar da sua alta qualidade, este trabalho passou quase despercebido nos meios culturais portugueses, e desse quase esquecimento só o desenterrou Paulo Quintela, por meio de uma reedição, com prefácio informativo e crítico, publicada no bicentenário do nascimento do Poeta, em 1949.

No tempo que mediou entre a tradução da primeira e a da segunda parte do Fausto, por Agostinho d'Ornelas, apareceu uma outra versão portuguesa do Fausto, que provocou uma sensação tal que nenhuma outra tradução da mesma obra de Goethe despertaria em Portugal.

Essa "tradução, passe a expressão, que é pouco adequada, foi elaborada por António Feliciano de Castilho e é uma paráfrase da primeira parte do trabalho de Ornelas, foi redigida na completa ignorância do original, baseada na tradução prosaica da autoria do seu irmão e de um alemão residente no Rio de Janeiro, Eduardo Laemmert, em versões francesas não especificadas.

Confiado na legitimidade do seu procedimento, desvalorizou o Fausto, situando-o como uma obra com "superlativos grotescos", um produto abusivo das forças da arte, contrário ao "bom gosto e ao bom senso".

"Castilho, sem se importar com a substância e forma do original, tratou de adaptar a sua paráfrase ao ideal estético da virtuosa elegância verbal, vernácula, fluente e expressiva, ou qualquer outra razão aceitável aos ouvidos do nosso povo, que resultou numa estilização arbitrária, verbosa, por vezes trivial, conservando do Fausto de Goethe pouco mais do que o título" (35).

Fez levantar imediatamente a crítica por parte daqueles poetas, e autores que tinham conhecido e apreciado a obra de Goethe, entre eles Antero de Quental, que tinha traduzido cenas do Fausto e que projectava traduzir a obra inteira.

Este facto deu origem à "Questão do Fausto" que, de certa forma, se relacionou, até porque alguns dos intervenientes foram os mesmos, com a célebre "Questão Coimbra" que, sete anos antes, marcara uma época na história das letras portuguesas.

"O programa da regeneração da literatura portuguesa, proclamado pela geração de Antero de Quental, dirigia-se igualmente contra Castilho e contra os ideais estéticos, por ele cultivados e defendidos e partiram de Castilho as críticas com que a Escola de Coimbra soprou" (36).

No opúsculo "Bom-Senso" e "Bom-Gosto" — Carta ao Excelentíssimo Senhor António Feliciano de Castilho — Antero de Quental ataca rudemente e irreverentemente esse velho "árcade póstumo", atribuindo à obra de Castilho a falta dessas características literárias (o bom-senso e o bom-gosto) que o mesmo Castilho, em escrito anterior, considerava andarem desviadas dos "altos rumos metafísicos" da poesia de Teófilo e de Antero.

Depois do rescaldo, a cultura portuguesa europeizou-se, dando origem a uma literatura contemporânea.

É pena que, às vezes, seja preciso bater num mundo velho para que um mundo novo possa encontrar lugar para crescer.

Este desvio do discurso, obviamente elementar, resultou de uma certa inconformidade perante uma versão caricatural da obra de um escritor universal.

Goethe figura como um dos verdadeiros poetas das belezas e das grandezas naturais. A poesia de Goethe tinha sido a realização dos ideais da Escola de Coimbra: fecundava o espírito, elevava a humanidade, era a obra de um génio criador.

Não se deve terminar a investigação sobre a presença simbólica de Goethe em Portugal, sem mencionar o nome de Fernando Pessoa. Na obra deste poeta figura um fragmento que recorda o nome de Goethe: "O meu primeiro Fausto", a tentativa de criar novamente a personagem de Fausto como homem, sábio contemporâneo, que falha desesperadamente tanto no conhecimento como no amor.

Resumindo, pode terminar-se com as palavras de Albin Beau:

"Nunca Goethe chegou a ter popularidade em Portugal. Tão pouco como noutras partes chegou a constituir-se uma escola literária que pudesse ser classificada de goethiana.

Outros nomes — como os de Victor Hugo, Hegel, Proudhon, Comte — foram mais vibrantemente aclamados e mais frequentemente evocados. Todavia, por mais evidentes que sejam as influências destes e de outros dos seus contemporâneos, a penetração de Goethe nas letras portuguesas não foi menos intensa por ser menos espectacular e mais discreta, lenta, mas contínua, para muito além daquele conflito das gerações que revelou o que a sua obra significa dentro da evolução universal do espírito moderno" (37).



## NOTAS

1. "Dichtung und Wahrheit" volume 9 — Hamburger Ausgabe Deutscher Taschenbuchverlag München 1982
2. Albin Eduard Beau: "Estudos" volume II — Coimbra 1964 Pag. 27
3. Albin Eduard Beau: ibidem Pag. 29
4. H. Weinrich: "Literatur für Leser" — Stuttgart 1971 darin: "Literaturgeschichte eines Weltereignisses: Das Erdbebe von Lissabon" pag 64.
5. Goethe, Werke, Hamburger Ausgabe Volume 10 — München 1982 Pag. 235
6. Albin Eduard Beau: ibidem Pag. 29
7. H. Weinrich: ibidem Pag. 65
8. Albin Eduard Beau: ibidem Pag. 29
9. cit. de Albin Eduard Beau: ibidem Pag. 32
10. cit. de Albin Eduard Beau: ibidem Pag. 48
11. cit. de Albin Eduard Beau: ibidem Pag. 48
12. Goethe, Werke, Hamburger Ausgabe volume 14 Pag. 236
13. Albin Eduard Beau: ibidem Pag. 52
14. E.A. Strasen, Alfredo Gándara: "Oito séculos de História Luso-Alemã" — Berlim 1944 Pag. 257
15. E.A. Strasen, Alfredo Gándara: ibidem Pag. 293
16. E.A. Strasen, Alfredo Gándara: ibidem Pag. 249
17. "Der Briefwechsel zwischen Schiller und Goethe" — Frankfurt — Wien — Zürich Pag. 730
18. "Der Briefwechsel zwischen Schiller und Goethe" Pag. 734
19. Albin Eduard Beau: ibidem Pag. 56
20. Albin Eduard Beau: ibidem Pag. 68
21. Luis de Camões: "Os Lusíadas" IV, 52

22. Albin Eduard Beau:                    ibidem    Pag. 79
23. Albin Eduard Beau:                    ibidem    Pag. 100
24. Almeida Garrett:                    "Obras" volume II—Porto 1966 Pag. 1612
25. Albin Eduard Beau:                    ibidem    Pag. 106
26. Albin Eduard Beau:                    ibidem    Pag. 106
27. Almeida de Garrett:                "Viagens na minha Terra" capítulo 39  
Obras I                                    Pag. 167/108
28. Júlio Dinis:                            "A Morgadinha dos Canaviais" — Porto  
1969                                        Pag. 49
29. Júlio Dinis:                            ibidem    Pag. 53
30. Johann Wolfgang Goethe:        "Poemas" — Antologia, versão portuguesa,  
notas e comentários de Paulo Quintela 3. Edição—Coimbra 1979
31. Eça de Queirós:                    "Mefistófeles" nas Prosas Bárbaras  
"Obras" volume I                        Porto Pag. 652
32. Eça de Queirós:                    ibidem volume I                            Pag. 652
33. Eça de Queirós;                    ibidem volume I                            Pag. 653
34. Albin Eduard Beau:                    ibidem    Pag. 119
35. Albin Eduard Beau:                    ibidem    Pag. 123
36. Albin Eduard Beau:                    ibidem    Pag. 126  
e:  
Alberto Ferreira, Maria José Marinho: "Antologia de textos da "QUES-  
TÃO COIMBRÃ"  
— Lisboa 1978
37. Albin Eduard Beau:                    ibidem    Pag. 129